

Raul Seixas: um produtor barroco

Cibele Simões Ferreira Kerr Jorge*

Resumo: Este artigo estuda Raul Seixas como um produtor de mestiçagens musicais, um artista barroco, concentrado em cada detalhe da produção de sua obra. Filósofo, intelectual, mergulhou num processo criativo intenso, insone, tomando para si a tarefa tradutória de tornar acessível ao público um vasto conteúdo filosófico, do qual se serviu como suporte, para a criação de sua obra metafórica. Escolheu o povo como público e trabalhou na tentativa constante de libertá-lo de suas amarras psico-sociais. Raul lutou pelo direito de realização pessoal numa época politicamente contrária a liberdade de expressão, produzindo uma obra musical mestiça que utilizou como veículo de comunicação.

Palavras-chave: Raul Seixas. Barroco. Artista, América Latina.

Abstract: This article studies Raul Seixas as a musical mix producer, one baroque artist, concentrated in each detail of his work production. Philosopher, intellectual, he dove on an intense creative process, sleepless, taking for himself the translate work of making available to public a vast philosopher content, which he had made use as a foundation, for the creation of his metaphoric work. He chose the common people as his public and worked on a constant trial to set them free of their psycho-social ties. Raul fought for personal realization rights in a period politically against freedom of speech, producing a musical mix work that he used as transmitter.

Key-words: Raul Seixas. Baroque. Artist, Latin America.

O artista e a América Latina

Raul Seixas trabalhou desde jovem no desenvolvimento de uma produção artística multicultural.

Sua obra mestiça dialogou com os valores contestatórios da década de 1960, com a contracultura e os movimentos alternativos, com o fechamento político atravessado pelos países da América Latina, com as culturas orientais e com a cultura brasileira em suas muitas vertentes.

Artista performático, herdou a espontaneidade da arte nordestina e incorporou a atitude desafiadora do Rock americano. Provido de rara perspicácia e capacidade de improviso, constantemente reinventava suas músicas e seu próprio personagem, no palco dificilmente seguia a letra original das canções, reinventando sempre, num repente melódico. Em sua obra mestiça composta por temas e ritmos diversos, expressou como poucos a característica latino-americana de incorporação de culturas.

Em tempos de uma política avessa a liberdade de expressão, levantou questionamentos constantes, incitando o livre direito de realização individual e social.

Também assistiu ao processo de mitificação de sua imagem, que acabou por reduzir a percepção pública de sua complexidade. A grande mídia privilegiava apenas sua ousadia performática. Enquanto a imagem do roqueiro debochado crescia, o intelectual estudioso, poeta, compositor, místico, tímido, ligado a família, mergulhado num intenso processo criativo intenso, enfrentando sérios problemas de saúde, permanecia pouco conhecido.

No panorama musical, não se enquadrou em nenhuma das linhas musicais disponíveis. Quando na dificuldade de classificá-lo, os entrevistadores perguntavam como classificava o que fazia, ele prontamente respondia: “Raulseixismo”.

Uma definição de Sarduy, em seu livro *Barroco*, nos faz lembrar Raul procurando respostas, insone, produzindo discos, detalhista, observador, genial, perdendo a saúde, inquieto, dividindo seu tempo entre as gravações, seus shows e a filosofia:

A viagem do homem barroco é entre a luz e a sombra. O seu cotidiano é um deserto de desassossego dominado pela desmedida importância de todos os pormenores, uma ponte para a transcendência. A dúvida, a inquietação, a emotividade extrema geram os grandes visionários do tempo barroco (SARDUY, 1974, p. 15).

Barroco, para Sarduy (1974, p. 15), não é um conceito ligado a um tempo histórico, mas um conjunto de características. “No centro da estética barroca está o desequilíbrio, a paixão. O homem “perdeu o pé”, anda à deriva num oceano de incertezas, sem bússola e sem norte”.

As músicas de Raul trazem o questionamento, a carnavalização, a subversão da ordem, a sátira. “O barroco será a extravagância e o artifício, a perversão de qualquer ordem fundada, equilibrada: moral” (SARDUY, 1974, p. 51).

A América Latina tem características barrocas pela confluência de elementos culturais vindos de várias partes e pela capacidade dos latino-americanos de incluí-los. Em suas culturas, convivem os mais diversos valores, crenças, ritos, fazeres e sabores. Elementos vindos de todas as partes do mundo coexistem formando um cenário cultural complexo e rico.

A América Latina apresenta uma capacidade inata de lidar com a confluência de elementos culturais vindos de várias partes.

Desde a vinda dos primeiros navegantes espanhóis e portugueses, os índios tiveram que enfrentar o choque cultural do convívio com visitantes que traziam consigo os valores do “Velho Mundo”. Vindos de um continente empenhado nos processos civilizatórios, regidos por fortes instituições e guiados pelo capital financeiro, experientes nas disputas por poder, os europeus tinham um histórico de batalhas, com grandes vitórias e devastadoras derrotas, habitavam mundos contrastantes de luxo e miséria, de dominadores e dominados.

Esmeravam-se por alcançar a qualidade refinada em seus produtos, nos tecidos, na música, na pintura, na arquitetura e na escultura, compravam de mais refinado aquilo que não conseguiam fabricar, tapetes e especiarias do Oriente, contando com os avanços científicos árabes e com os saberes de culturas diversas obtidos pelos anos de dominações imperiais.

Os portugueses e espanhóis, que primeiro chegaram ao continente americano, vinham da região da Península Ibérica que havia sido ocupada por árabes de 711 até 1492, trazendo consigo a experiência de misturas raciais, religiosas e culturais e a consciência de vir de uma das regiões menos bem quistas da Europa. Por sua ocupação e conseqüente diversidade, a Península Ibérica era o que menos representava os valores de nobreza e pureza da Europa Ocidental.

Ignorando tais processos históricos, as nações indígenas, viviam nuas nas Américas, com suas culturas regidas pelas crenças em suas relações com as forças da natureza e voltadas às produções pelo bem comum, incluíram em suas vidas os invasores com seus hábitos, e objetos e um potencial de transmissão de doenças inimaginável, num impressionante intercâmbio cultural entre dois mundos até então desconhecidos.

A capacidade desses índios de incluir o diferente lhes era inata, não sem lutas, povos mestiços dos relacionamentos entre índias e europeus nasceram daí. Mais tarde, com a vinda dos negros, esses povos foram formando quadros ainda mais miscigenados que, posteriormente, contaram com a vinda de imigrantes italianos, japoneses, holandeses e do mundo todo.

Desde a sua descoberta, inúmeros traços culturais são incorporados à rica cultura da América Latina. Seus povos são dotados da capacidade de assimilação de saberes, ofícios, sabores, valores e crenças, tecendo redes móveis de incomparável fluidez cultural.

Esse processo de mestiçagem cultural trabalha a assimilação de tudo o que parece estranho, criando mosaicos móveis em constante movimento de vaivém e transformação, é

um processo que não faz uso da lógica binária das oposições, nem das totalizações; as coisas não se opõe, mas se misturam e alimentam os processos criativos.

Mesclada a riqueza natural da grande diversidade de plantas, de espécies animais, de cores e pedras, de materiais da América Latina, há a riqueza sócio-cultural da incorporação prazerosa e constante do outro.

Essa incorporação e acúmulo de elementos diversos forma o que se pode chamar do viés barroco da América Latina. Uma cultura estimulante aos processos criativos de viver e de sobreviver de seus povos, constantemente inventando sabores, objetos, sons, estéticas, valores, de forma tão natural quanto o fluir da vida cotidiana.

Segundo nos mostra o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2002) em seu livro *A inconstância da alma selvagem*, os índios latino-americanos tinham o hábito de travar um intenso intercâmbio cultural e afetivo com os inimigos que capturavam, incluindo festas, presentes e o amor das índias, até por fim liquidarem com ele.

Serge Gruzinski (2001), na obra *O pensamento mestiço*, relata o rico intercâmbio cultural entre índios e jesuítas desde o começo das missões jesuítas e a impressionante facilidade dos índios em aprender a língua, a escrita, as artes e os ofícios trazidos da Europa, como a pintura, o entalhe e a arquitetura. Em curto período de tempo e com perfeição, os nativos faziam os ofícios dos europeus a ponto de não se poder discernir entre uma obra de arte original européia e uma réplica pintada por artistas índios.

Também nos relata como os próprios Jesuítas iam adquirindo os modos dos índios, iam uns se transformando nos outros, numa troca cultural não prevista e impressionante.

A mestiçagem é característica da América Latina e Raul Seixas se destaca na música pela forma como a representa.

A capacidade de aproximar culturas, incorporar elementos, de lidar com o intercâmbio entre o interno e o externo em vaivém e de buscar o diferente são características que conferem a Raul seu viés mestiço e barroco. A naturalidade com que constrói coisas novas a partir de muitas culturas e ritmos é o traço barroco de sua obra. Ele trabalha as mestiçagens entre culturas, personagens e tempos, com a habilidade de quem transcende as barreiras do tempo e da história.

O processo criativo

Em seu processo criativo, Raul trabalhava o LP como uma obra conceitual, desenvolvia o tema, escrevia as letras, compunha as músicas, idealizava a capa, as fotos e o

figurino. A preparação do LP era o cerne de suas preocupações e as sugestões comerciais não eram bem vindas, mesmo que isso gerasse problemas com as gravadoras.

Artista em tempo integral, transitava entre a indústria fonográfica, a exposição midiática e seu fazer artístico artesanal. Em sua tarefa tradutória produzia músicas com base em suas pesquisas, possibilitando que pensamentos complexos chegassem ao público de forma simples. As letras tomavam forma a partir de suas paixões, Literatura, Filosofia, Anarquia, Magia, Rock e, sobretudo, o comportamento humano.

A transmissão de conceitos foi sua prioridade. Afirmou em entrevista que primeiro compunha as letras para depois pensar no som. Queria ter sido escritor, mas descobriu na música um meio mais eficaz de veicular suas idéias.

Em *Ouro de Tolo*, *Carimbador Maluco* e *Abre-te Sésamo*, condensou momentos históricos marcantes: em *Ouro de Tolo* falou do sentimento de tédio experimentado pela classe média, gerado pela estabilidade econômica e pela ausência de realização pessoal; em *Carimbador Maluco*, lançou uma música anárquica quando o povo clamava por eleições diretas e era claro o aborrecimento com a ordem vigente; *Abre-te Sésamo* referia-se a anistia política e havia o receio de que ela não fosse totalmente válida.

A luta pela libertação individual, das amarras psicológicas e sociais, e a resistência ante as adversidades foram temas recorrentes em suas músicas. Incitar essa libertação foi o cunho político de sua obra. Acreditando que mudanças individuais produziam melhorias coletivas, compunha em primeira pessoa para incentivar o público a sentir o que estava cantando, deixando aí seu registro como formador de opinião.

Raul passou a vida buscando respostas e propondo soluções. Uma música que ilustra sua constante preocupação com o outro é *Carpinteiro do Universo*, na qual narra as ações de um sujeito que está sempre pensando em aparar o cabelo de alguém e sempre tentando mudar a direção do trem, e que durante a noite não quer apagar a luz do quarto para que o outro não tropece na escada quando chegar.

Impaciente com a apatia popular, em *DDI*, simula um telefonema de Deus à Terra cobrando atitude. Na letra da música *Por Quem os Sinos Dobram* critica a hipocrisia e estimula a coragem.

Nas músicas *Aquela Coisa*, *Ouro de Tolo*, *Você*, *Todo Mundo Explica*, *Medo da Chuva* e *Se O Rádio Não Toca* critica a apatia e o comportamento condicionado e estimula a realização pessoal. Em *Meu Amigo Pedro* e *Dr. Paxeco* satiriza o esforço pelo comportamento correto no trabalho e na vida regrada que tem como prejuízo a perda da espontaneidade.

Na bem humorada *Ta Na Hora*, questiona onde está a vida, a independência que nos é tirada pelas horas de trabalho e a experiência que nos é negada por nos entregarem tudo pronto. Na nordestina *O Negócio É*, fala dos jeitos que se pode dar para viver bem e nas espertezas “Que pra passar a noite na cocheira tem que ter o mesmo cheiro do cavalo pra não incomodar”.

Sapato 36 critica o governo que aparece representado pela figura do “pai” autoritário. Com batuques de terreiro, *Mosca na Sopa* é um recado de que teria vindo para incomodar e que não adiantaria dedetizarem “a mosca” porque viria outra em seu lugar.

Raul teve onze músicas censuradas. Ironicamente, não as mais subversivas. Entre elas, *Rock das Aranha*, a redentora *Não Quero Mais Andar Na Contra-Mão*, onde se dizia cansado e não mais usuário de drogas quaisquer; *Check-Up*, referente à Clínica Tobias onde se internou várias vezes, na qual dizia os nomes dos remédios que tomava e precisou substituí-los para a que a música fosse liberada.

Ele utilizou a metáfora como recurso de camuflagem ideológica ante ao crivo dos censores, e por seu poder intuitivo de transmissão conceitual. Como nos grandes livros da humanidade, a metáfora esteve em sua obra como facilitadora do processo cognitivo. “O poema é a metáfora do que o poeta sentiu e pensou. Essa metáfora é a ressurreição da experiência e sua transmutação.” (PAZ, 1991, p. 19).

A vida do artista

Raul Santos Seixas nasceu em Salvador, no Estado da Bahia, em 28 de junho de 1945. Filho do engenheiro ferroviário Raul Varella Seixas e de dona Maria Eugênia Seixas, teve apenas um irmão, Plínio Santos Seixas, três anos mais novo, que foi o grande amigo com quem dividiu as alegrias da infância.

Quando criança Raul gostava de livros. Aos onze anos já tinha lido boa parte dos livros da biblioteca de seu pai, se apaixonou por filosofia e pelo *Livro dos Porquês*, também desenhava gibis e os vendia ao irmão, o protagonista era seu personagem inventado: *Melô*, um cientista maluco que viajava no tempo e no espaço em aventuras fantásticas com Deus e com os grandes personagens da história.

Aos onze anos mudou-se com a família para uma casa próxima ao Consulado Americano em Salvador. Ficou amigo dos garotos do Consulado e com eles descobriu o Rock'n'Roll. Imediatamente se tornou um *rocker*, usava jaqueta de couro preta, camisa de gola virada para cima, chicletes na boca e topete com goma nos cabelos, ouvia Rock na loja

de discos *Cantinho da Música* em vez de ir à escola. Fundou com os amigos o Clube dos Cigarros, o *Elvis Rock Clube* e a banda *Relâmpagos do Rock*.

Em 1957, ansioso por produzir seu próprio som, fabricou precariamente uma guitarra elétrica com seu amigo Mariano, usando o antigo rádio do avô do menino ligado ao violão, mas o fio curto exigia que tocasse agachado.

No ano de 1964, o *Relâmpagos do Rock* muda para *The Panthers* e, finalmente, para *Raulzito e os Panteras*, chegando ao status de conjunto mais caro de Salvador, tocando no Iate Clube. Esse ano marcou a profissionalização definitiva da banda. No repertório havia Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lee Lewis, Fats Domino, Elvis Presley e Beatles.

Com os Beatles, Raul deixou de ver o Rock como rebeldia pura. Os garotos de Liverpool estavam dizendo o que pensavam e ele resolveu fazer o mesmo, usar a música como veículo deu um novo propósito a sua carreira.

Raul acompanhou o momento histórico em que o Rock se desenvolveu. Envolvido nele desde o início, soube explicar como poucos a revolução que o Rock significou. “O Rock era como uma chave que abriria minhas portas que viviam fechadas. O Rock era muito mais que uma dança, era todo um jeito de ser” (SEIXAS, 1996, p. 27).

Em 1965 acabou por abandonar a escola e se dedicar somente a seus estudos e a banda *Os Panteras*, que começaram a fazer shows no Cine Roma de Salvador, onde se apresentavam os grandes artistas de Bossa Nova. No ano seguinte, a banda teve que voltar ao palco cinco vezes por insistência de um público de mais de duas mil pessoas.

Dois anos depois, Raul casou-se com a filha de um pastor, Edith Wisner. A pedido da família tentou ingressar na faculdade e deixar a vida artística, mas ambas as tentativas foram abandonadas. No mesmo ano, *Raulzito e os Panteras* deixaram Salvador para acompanhar Jerry Adriani em turnê pelo Norte do Brasil e pelo Rio de Janeiro.

Em 1968 lançaram o LP *Raulzito e Os panteras*, pela Odeon. Continuaram também como banda de apoio de Jerry, mas as dificuldades financeiras e o insucesso do único disco gravado culminaram no fim da banda em 1969.

No ano seguinte nasceu Simone Andrea Wisner Seixas, sua primeira filha, ele só voltaria a cantar em 1972 após atravessar um período difícil em Salvador e trabalhar novamente no Rio como produtor da gravadora CBS, a convite de Evandro Ribeiro, em 1971.

Uma vez nos bastidores da música como produtor, Raul aprendeu a fazer músicas para chegar de forma eficiente ao público, produziu mais de oitenta músicas para conjuntos famosos e levou dessa época um conhecimento precioso sobre como viabilizar suas idéias. A

CBS foi o estágio que completou sua percepção do mundo da música, unindo seu talento artístico ao conhecimento do funcionamento da indústria fonográfica.

Raul gravou com os amigos Sérgio Sampaio, Edy Star e Mirim Batucada o disco *Sociedade de Grã-Ordem Kavernista Apresenta Sessão das Dez* durante uma viagem do diretor da gravadora, fato que culminou em sua demissão e no misterioso desaparecimento do LP no mercado.

Em 1972, ao acompanhar o amigo Sérgio Sampaio na inscrição de *Eu Quero É Botar Meu Bloco Na Rua*, para o VII Festival Internacional da Canção promovido pela Rede Globo, acabou por inscrever duas de suas canções: *Eu Sou Eu, Nicuri é o Diabo* e *Let Me Sing, Let Me Sing*; a última marcou a síntese do Rock com o Baião, criando um Rock nacional com raízes na música Pop americana e no folclore brasileiro. Com ambas aprovadas pelo júri, Raul voltou a cantar.

Em *Blue Moon of Kentucky*, inspirada na música homônima de Elvis Presley, intercalou trechos desta com o Baião *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga.

Raul explicou as semelhanças, que percebeu, entre o Baião e o Rock (SEIXAS, 1983, p. 44):

Luiz Gonzaga tocava o dia inteiro em Salvador, nas rádios, nas praças. Idem a loucura de Elvis Presley. Os dois, eu saquei, tinham o mesmo humor. Era idêntica a história de *Cintura Fina* com o *Blue Suede Shoes*. Havia o mesmo tom safado, irônico. Acho que o humor de nosso nordestino é muito parecido com o humor do americano do sul, onde nasceu o rock'n'roll.

Do repertório de infância trouxe a música latina, mexicana, cubana, Boleros, Guarânias, Tangos, Baião e as marchinhas de carnaval. No repertório literário, Nietzsche, George Orwell com *1984*, Thomas More com *Utopia*, Castañeda, Aldous Huxley com *O Admirável Mundo Novo*, Proudhon com *A Propriedade é um Roubo* e o texto *Ser Governado*, que inspirou sua música *O Carimbador Maluco*, Max Stirner com o Anarco-individualismo de *O Único e a sua Propriedade*, que inspirou *Eu Sou Egoísta* e a *Sociedade Alternativa* e John Lennon.

Entre suas composições de inspirações místicas podemos citar: *Judas*, que discorre sobre o ingrato papel do apóstolo, tendo que trair Cristo, num plano já traçado pelo Pai; *O Messias Indeciso*, inspirada em *Ilusões*; *As aventuras de um Messias Indeciso*, de Richard Bach, que narra a história de um messias que jamais quis ser adorado; a lírica *Ave Maria da Rua*, que fala da Virgem que está em todas as mulheres e a belíssima *Água Viva*, que foi inspirada no poema *Eterna Fonte*, do fundador da Ordem dos Carmelitas Descalços, São João da Cruz.

Raul também buscou inspiração artística nos textos sagrados do Oriente. A sublime *Conto do Sábio Chinês*, que conta a história de um sábio que sonhou ser uma borboleta, símbolo da libertação, foi inspirada no o livro sagrado chinês *Tao Te Ching de Lao Tsé* e *Gita*, seu maior sucesso foi inspirada no livro sagrado hindu *Bhagavad Gita*.

O *Bhagavad Gita*, que significa Sublime Canção, é parte do *Mahabaratha* que integra os *Vedas*, o livro sagrado tem aproximadamente cinco mil anos.

Nesse livro, o príncipe Arjuna, que teve seu reino e posses usurpados por seus queridos parentes, enfrenta o profundo conflito entre matá-los e voltar a seu posto, ou apiedar-se e ficar sem nada. No auge de sua aflição lhe aparece Khrisna, o Deus supremo, disfarçado, que em dado momento se revela de todo, em sua infinita glória, mostrando-se à Arjuna, por uma visão transcendental, como jamais havia feito a alguém. O príncipe cai prostrado e maravilhado.

Estudiosos relacionam o ego humano aos amados e traidores parentes de Arjuna e o príncipe, a cada ser humano, que só chegaria à plenitude após a dolorosa eliminação do ego. Embora isso custasse extremo esforço, tal seria o motivo do conflito interior.

O sucesso nacional

Em 1973 Raul saiu às ruas do centro do Rio de Janeiro, com seu violão, cantando *Ouro de Tolo*, lançando sua música autobiográfica em meio ao povo e para o povo. Alcançando sucesso nacional, o compacto lançado pela Polyfar precisou ser prensado duas vezes na mesma semana porque as vendas excederam o esperado.

Neste ano foi lançado seu disco *Os 24 Maiores Sucessos da Era do Rock* pelo selo Polyfar. Nesse trabalho Raul interpretou os grandes ícones do Rock norte-americano.

No mesmo ano, a Philips lançou seu LP *Krig-Há, Bandolo!*, cujo título é o grito de guerra do Tarzan nos gibis, que significa: “Cuidado, aí vem o inimigo”. O LP foi considerado pela crítica seu melhor trabalho.

O show de lançamento foi no Teatro Teresa Raquel, no Rio de Janeiro. Em setembro Raul fez seu primeiro show em São Paulo, no Teatro das Nações, no qual distribuiu os gibis intitulados *A Fundação de Krig-Ha*, feitos por ele e por Paulo Coelho e ilustrado por Adalgisa Rios.

Num ano repleto de compromissos, Raul participou do *Festival Phono 73*, no Anhembi, em São Paulo, e do show *Direitos Humanos no Banquete dos Mendigos*, no Museu

de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e ainda produziu e participou do primeiro LP de Sergio Sampaio.

Em 1974 por conta da divulgação das idéias da *Sociedade Alternativa* no gibi manifesto *Krig-Ha*, a polícia entrou em seu apartamento e o chamou para se explicar, junto com Paulo Coelho. Após explicarem-se, foram convidados a se retirar do país. Em meados do ano, Raul foi chamado a retornar, concessão merecida pelo sucesso de *Gita*, o álbum vendeu mais de seiscentas mil cópias, rendendo-lhe seu primeiro disco de ouro.

Neste ano Raul gravou o vídeo-clipe de *Gita* para o *Fantástico, o Show da Vida*, da Rede Globo e o de *Sociedade Alternativa* para a mesma emissora. Suas músicas entraram na trilha sonora da novela *O Rebu*, cujo LP foi lançado pela Som Livre. Em contraste com o sucesso profissional, seu primeiro casamento chegou ao fim.

Em 1975 Raul recebeu seu primeiro disco de ouro por *Gita*, participou do *Festival Hollywood Rock* no Rio de Janeiro e gravou o vídeo-clipe da música *Trem Das Sete* para a Rede Globo. Contrariando as expectativas, o LP *Novo Aeon*, lançado pela Philips, vendeu apenas sessenta mil cópias, sem nenhum motivo aparente. No mesmo ano casou-se pela segunda vez, com a americana Glória Vaquer.

Em 1976 nasceu sua segunda filha, Scarlet Vaquer Seixas. O lançamento do LP *Há Dez Mil Anos Atrás*, pela Philips, rendeu-lhe grande sucesso, recuperando seu bom volume de vendas. A capa chamativa trazia Raul de barba branca, vestido como um sábio ancião; a surpreendente música tema agradou prontamente o público.

Sua arte musical, acompanhada de marcantes características visuais, foi sempre de ordem performática. Raul não se dedicou somente à música, mas à transmissão áudio-visual de suas idéias; os personagens que criava lhes davam vida, característica que trazia desde a infância, quando personificava *Melô* para vivenciar aventuras fantásticas com Plininho.

Em 1977 lançou *O Dia Que A Terra Parou* pela recém-fundada WEA, que trouxe *Maluco Beleza*, uma homenagem aos grandes iluminados, como Jesus e Mahatma Gandhi, que caiu imediatamente no gosto do público e acabou por carinhosamente rotulá-lo. Gilberto Gil participou com arranjo e violão na faixa *Que Luz é Essa?*

Raul fez o show de lançamento do disco no Teatro Bandeirantes, em São Paulo; gravou o vídeo-clipe de *Maluco Beleza* para a Rede Globo e a gravadora Fontana/Phonogram e lançou o LP *Raul Rock Seixas* com um material de gravações em estúdio e separou-se de Glória.

Em 1978 fez quatro dias de show *O Dia em que a Terra Parou*, no Teatro Tereza Raquel, no Rio de Janeiro. Lançou o LP *Mata Virgem* pela WEA, com a belíssima música tema de mesmo nome falando do estado puro do amor. Pepeu Gomes participou da animada *Pagando Brabo*, e Raul passou a viver com sua terceira companheira, Tânia Menna Barreto.

Em 1979, fez o show *Mata Virgem* no Banana Power, em São Paulo, e foi lançado seu LP *Por Quem Os Sinos Dobram*, pela WEA, tendo como parceiro musical Oscar Rasmussem. Sérgio Dias participou de algumas músicas.

No mesmo ano separou-se de Tânia e conheceu aquela que viria a ser sua quarta esposa, divulgadora e guardiã de sua obra: Ângela Maria de Afonso Costa. Com a saúde abalada, Raul submeteu-se a uma operação na qual perdeu metade do pâncreas.

Em 1980, lançou o álbum *Abre-te Sésamo* pela CBS, um LP recheado de críticas, em homenagem a anistia política, mas somente *Rock das Aranha* foi vetada pela censura.

Nos palcos, antes de cantar a *Abre-Te Sésamo*, Raul gritava dezenas de vezes: “Abre-te”, com a platéia em uníssono, movimentando o braço como um maquinista, como se quisesse abrir o fechamento político com a força daquele momento. A música cita Ali Baba e os quarenta ladrões em uma sátira à corrupção. Integra o mesmo disco a bem humorada *Aluga-se*, onde propõe alugar o Brasil aos estrangeiros, como pagamento da dívida externa.

Raul mudou-se para São Paulo e fez o lançamento do disco no Programa do Chacrinha, da Rede Bandeirantes.

Em 1981 nasceu sua terceira filha, Vivian Costa Seixas.

Raul fez o show *Abre-Te-Sésamo* em uma temporada de grande sucesso no Teatro Pixinguinha, em São Paulo, e no Colégio Equipe. Nesse ano foi fundado seu fã clube oficial em São Paulo pelo jovem paulistano Sylvio Passos: o *Raul Rock Club*; Raul passou a participar ativamente de seu próprio fã-clube e formou-se uma amizade que, transcendendo a existência, dura até hoje tendo Sylvio como guardião e divulgador de sua obra.

Superando as expectativas de sucesso, em 1982, Raul apresentou-se no *Festival de Música na Praia*, em Santos, para um imenso público de mais de cento e oitenta mil pessoas.

No mesmo ano, aborrecido e bebendo, atravessou crises de hepatite e um triste incidente que o deixou arrasado por meses: ao apresentar-se alcoolizado, e sem documentos, em Caieiras, interior do Estado de São Paulo, foi acusado de impostor de si mesmo, preso e mal tratado. Ele voltou a viver no Rio de Janeiro, levando a família.

Em 1983 Raul fez um show na Sociedade Esportiva Palmeiras, em São Paulo, homenageando os primeiros tempos do Rock'n'Roll.

Numa fase bastante feliz, voltou a morar em São Paulo e lançou o álbum *Raul Seixas*, pela Eldorado, junto com seu livro *As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor* (1983), no Gallery.

No LP, Wanderléa participou do animadíssimo Xote *Quero Mais*, que ele compôs com a esposa. O disco trouxe a música *O Carimbador Maluco*, que foi calorosamente recebida por adultos e crianças e rendeu-lhe o seu segundo disco de ouro. Sua música de maior sucesso entre as crianças foi inspirada no texto *Ser Governado*, do grande anarquista Joseph Proudhon.

Tema do musical infantil *Plunct Plact Zuum*, promovido pela Rede Globo, o vídeo-clipe de *O Carimbador Maluco* apresenta Raul no personagem do carimbador. Surgindo no espaço diante de uma nave pilotada por crianças, ele as aborrece com um processo burocrático e, depois, alegremente deixa-as ir.

No mesmo ano recitou energicamente no palco de um show o texto *Ser Governado*, de Proudhon. Em sua tarefa de tradutor, explicou Anarquia, a *Sociedade Alternativa* e *Gita* em seus shows.

Em Minas Gerais, participou do primeiro festival de Rock de Juiz de Fora e logo depois fez uma turnê pelo Brasil que foi encerrada na Sociedade Esportiva Palmeiras, em São Paulo.

Interessado no que estava acontecendo nos EUA em termos musicais, Raul viajou com a esposa e visitou várias gravadoras, por quase um mês, trazendo para o Brasil, o músico Clive Stevens.

Dessa viagem trouxe novas idéias e fez um trabalho diferente de tudo o que havia feito até então. O LP *Metrô Linha 743*, lançado pela Som Livre, foi um disco no qual Raul idealizou todo o projeto em “preto e branco”, a parte musical e gráfica. Como música tema fez um RAP, ritmo que denuncia a violência e a injustiça social. Clive Stevens participou da música *Meu Piano*.

A música *Metrô Linha 743* alerta sobre o perigo de ser apanhado pensando pelos atentos caçadores de cabeça e do possível extermínio como castigo. Raul lançou essa música dez anos depois do exílio. No mesmo álbum foi censurada *Mamãe Eu Não Queria*, crítica ao sacrifício de servir ao exército e morrer pela pátria, inspirada em *I don't Wanna Be a Soldier Mama, I Just Don't Wanna Die* (Eu não Quero Ser um Soldado Mãe, Eu não Quero Morrer), de John Lennon.

As pressões contrárias ao livre direito de expressão funcionaram para Raul e muitos artistas como força catalisadora. Lutando contra elas os artistas refinaram seu processo criativo, condensando os valores que melhor funcionariam no processo libertário.

Ainda em 1984 Raul e Ângela se separaram. No ano seguinte, viajou para Salvador e retornou a São Paulo com sua última companheira, Lena Coutinho.

Sem gravadora, Raul lançou o LP *Let Me Sing My Rock and Roll*, pelo *Raul Rock Club*, o primeiro LP produzido e distribuído de maneira independente por um fã clube brasileiro. No mesmo ano, fez o Show *Metrô Linha 743* na danceteria Rio Laser, em São Paulo, e o inusitado show *Ouro de Tolo* por três dias, no garimpo Marupá, na floresta Amazônica. Já no final do ano fez um show em São Caetano do Sul (SP), no Estádio Lauro Gomes.

Em 1986, enfrentando problemas de saúde e internações, Raul assinou contrato com a gravadora Copacabana, mas por seu estado físico o disco só ficou pronto no ano seguinte.

No ano de 1987, Raul resolveu homenagear o Rock'n'Roll e lançou o LP *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!* pela Copacabana com o título que é o grito de guerra do ritmo e afirmou ter feito esse disco para que os roqueiros ouvissem e não deixassem o Rock morrer.

O disco trouxe a música *Cowboy Fora da Lei* que fez imediato sucesso, e rendeu-lhe o seu terceiro disco de ouro. Com esse trabalho Raul voltou a ser destaque nas principais mídias do país e a música foi incluída na trilha sonora da novela das sete horas da Rede Globo.

Nesse mesmo ano, gravou o vídeo-clipe *Cowboy Fora da Lei* e participou da gravação da música *Muita Estrela, Pouca Constelação*, com a banda *Camisa de Vênus*.

Em 1988, Raul lançou o LP *A Pedra do Gênesis*, pela Copacabana. O disco fala da *Sociedade Alternativa* e trouxe a música *A Lei*, baseada na Lei do mago Aleister Crowley, que é a base da *Sociedade Alternativa*.

Raul participou do show de Marcelo Nova na concha Acústica, no Teatro Castro Alves, em Salvador; separou-se de Lena e mudou para um apartamento pequeno no centro de São Paulo.

Em 1989, há três anos afastado dos palcos e com a saúde seriamente abalada, Raul recebeu o convite de Marcelo Nova para ir a Salvador onde se apresentaria. Juntos fizeram uma grande temporada de mais de cinquenta shows pelo país e muitas apresentações em programas de rádio e de televisão. A turnê teve como resultado seu último LP: *A Panela do Diabo*, pela WEA/Warner Bros.

A Sociedade Alternativa

A *Sociedade Alternativa* foi sua obra máxima, uma mescla peculiar de Anarquia, Magia e Astrologia, que dialoga com *A Utopia*, de Thomas More, com a *New Utopian*, de John Lennon, com o Anarquismo, de Proudhon, com o Anarco-individualismo, de Max Stirner, com a obra do mago inglês Aleister Crowley, com os estudos astrológicos sobre a Nova Era e com os movimentos alternativos da contracultura dos anos sessenta.

De acordo com estudos astrológicos, ainda levariam seiscentos anos para entrarmos na Era Aquário-Leão, cujas características são a paz e o fim dos dualismos oposicionistas, diametralmente oposta a passada Era Leão-Aquário, na qual prevaleceu o egoísmo e os dualismos. Agora, porém, a meio caminho, estamos vivendo na Era de Peixes, onde o desrespeito e os dualismos ainda se fazem presentes.

Esperança de um novo mundo, a Era de Aquarius, também chamada de Aquário-Leão ou Nova Era, é o que Raul denomina Novo Aeon, e que o inspirou a criar as músicas *Novo Aeon*, *Trem das Sete* e *Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás*.

Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás refere-se ao fato de há dez mil anos termos vivido nos tempos de dualismos e egoísmos da era Leão-Aquário.

Novo Aeon narra a ocorrência de uma mudança de valores não noticiada pela mídia e termina por explicar a *Sociedade Alternativa*.

O Trem das Sete é o trem simbólico que vem buscar os que estão preparados para entrar na Nova Era, na qual o mal vem de braços e abraços com o bem num romance astral.

A *Sociedade Alternativa* é uma filosofia de vida segundo a qual cada indivíduo deve fazer o que quiser, sem jamais impor sua vontade sobre outrem, somente subjugar é proibido.

A música de mesmo nome é o hino do conceito e dos fãs. Nos shows, Raul desenrolava seu pergaminho com a Lei de Crowley e o recitava para a platéia, criando um elo entre o artista, o público e sua filosofia.

A Lei do Mago afirma que todo homem tem direito de fazer o que quiser, de amar a quem quiser e de mover-se livremente pelo planeta. Visando divulgá-la, Raul fez a música *A Lei*.

O baú

Artista com forte senso missionário, Raul guardou num baú letras de músicas, poemas, versos, pensamentos, roupas de shows, fotos, ingressos; enfim, as coisas prediletas que colecionou ou produziu desde a infância. Publicou parte desse material em seu único livro *As Aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*, em 1983.

O livro é dividido em três partes: um diário feito entre sete e quatorze anos, contos escritos entre os doze e os vinte e um anos e uma história em quadrinhos feita na infância. Interessado em transmitir o material na íntegra, Raul não corrigiu os erros gramaticais de criança. O conteúdo do baú tem inspirado livros e peças de teatro desde então.

Como testamento, Raul deixou o Rock *Geração da Luz*, do álbum *Metrô Linha 743*, onde diz que a semente que ajudou a plantar já nasceu, e que vai embora apostando na nova geração.

Seu último LP, com Marcelo Nova, é uma ode ao Rock como nos primeiros tempos de menino, quando se apaixonou pelo ritmo. Raul teve dezesseis álbuns lançados em vida, numa média de um por ano, deixando ainda materiais inéditos para álbuns póstumos, somando mais de duzentas músicas. Trabalhou numa produção incansável na tentativa missionária de proporcionar conscientização social.

Artista barroco, atento aos detalhes, produtor desassossegado de mestiçagens, travou uma luta contra o tempo com seus problemas de saúde, seus cinco casamentos e os aborrecimentos com a mídia. Faleceu no dia 21 de agosto de 1989, dois dias depois do lançamento de seu último LP, que lhe valeu seu quarto disco de ouro.

Sua música atingiu todas as classes sociais e faixas etárias, mas observamos uma incidência de homenagens mais numerosas vindas do povo trabalhador braçal e de empregos informais que escutam diariamente suas músicas e participam ativamente de suas homenagens.

Raul Seixas, o intelectual, escritor, filho de classe média, teve desde o início sua obra calorosamente acolhida pelo povo. Com suas contestações cumpriu não só a tarefa de tradutor de grandes obras ou de filósofo que propôs soluções, mas emprestou a voz ao povo para falar de seus direitos em seu cotidiano sofrido.

Sua música libertária não se restringe a esfera política ou social, mas se aprofunda na tentativa insistente de uma libertação pessoal de todos os papéis sociais e hierárquicos opressores. Seu legado permanece vivo em nossa cultura e aflora vibrante nas passeatas anuais realizadas na capital paulista em vinte e um de agosto, em tributo a seu falecimento, em shows e nos cordéis, na maior parte das vezes, manifestações espontâneas da cultura popular. Sua voz está em propagandas publicitárias e novelas e tem sido regravado por muitos cantores brasileiros.

Raul recebeu, *in memoriam*, em 25 novembro de 2009, o diploma pela sua admissão na ordem do mérito cultural, na classe de *Grã-Cruz*, concedido através do decreto de 19 de novembro de 2009 (BRASIL, 2009), por suas relevantes contribuições a cultura brasileira.

O diploma foi concedido pelo Presidente da República e entregue pelo Ministro da Cultura a seu amigo Sylvio Passos, em cerimônia no Teatro Oi Casagrande, na cidade do Rio de Janeiro.

Referências

- BRASIL. Ministério da Cultura. Decreto de 19 nov. 2009. *Ordem do Mérito Cultural na classe de Grã-Cruz ao Sr. Raul Santos Seixas (in memoriam)*. Brasília, 25 nov. 2009.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre Arte e Literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- SARDUY, Severo. *Barroco*. Buenos Aires: Sudamericana, 1974.
- SEIXAS, Kika. *Raul Rock Seixas*. São Paulo: Globo, 1996.
- SEIXAS, Raul. *As aventuras de Raul Seixas na Cidade de Thor*. Rio de Janeiro: Shogun, 1983.

* Cibele Simões Ferreira Kerr Jorge é ilustradora, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e bacharel em Publicidade, Propaganda e Criação pela mesma Instituição. E-mail: <cibelepiti@uol.com.br>.

Recebido em novembro de 2009; aprovado em junho de 2010.